

Futebol, os jogos - 1º turno*

* O "2º turno" deste ensaio sairá no próximo número de Pesquisa de Campo.

Luiz Felipe Baêta Neves Flores**

Por razões não muito precisas — pelo menos por enquanto — houve (de fato, está havendo) uma súbita aliança de acontecimentos políticos e econômicos no futebol carioca que acabou por ocupar um extraordinário espaço nos meios de comunicação de massa e na conversa quotidiana deste verão de 1994/1995 (escrevo **deste** propositadamente: redijo em fevereiro de 1995, primeiros dias).

O desempenho carioca na temporada anterior ao período que observo tinha se caracterizado pela pobreza — de público e de espetáculo — que contrastava com a opulência de equipes paulistas e européias e com a euforia advinda da recente conquista, pelos brasileiros, do campeonato mundial nos Estados Unidos. A sensação carioca de penúria e frustração se acentuava, possivelmente, por um sentimento singular de perda; o futebol seria um esporte "tipicamente carioca" e, justamente depois de uma conquista mundial, o Rio parecia se sentir lesado: os jogadores aqui nascidos ou aqui formados ou que, afinal, aqui jogavam deixavam a cidade atraídos por outros centros que os seduziam por dinheiro, profissionalismo, segurança.

A memória social parece escolher a disputa pela presidência do Flamengo, com a vitória de um

**Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da UFRJ. Pós-doutorado em Ciências Sociais pela Universidade de Paris V Sorbonne. Professor na UFRJ e na UERJ. Co-autor de "Universo do Futebol - Esporte e Sociedade Brasileira" - Edições Pinakotheke, RJ - 1982".*

O desempenho carioca na temporada anterior ao período que observo tinha se caracterizado pela pobreza — de público e de espetáculo — que contrastava com a opulência de equipes paulistas e européias

candidato de oposição que pregava a modernização esportiva, como o fenômeno desencadeador de ações que sacudiram/sacodem o cenário futebolístico carioca, com reflexos em outros pontos do Brasil e do exterior.

O candidato opositor vitorioso, o sr. Kleber Leite, conseguiu — com inusitadamente maciço apoio mediático — provocar uma verdadeira ebulição de acontecimentos e rumores que se constituíram em uma espetacular rede... espetacular que não poderemos estudar aqui mas que certamente é de grande interesse analisar em detalhe e cujo **leit-motiv** seria o da contratação (resgate) de grandes brasileiros atuando no exterior. Tal “resgate” — como o de alguém, ou algum bem, que tivesse sido indevidamente capturado de seu “legítimo” local de pertencimento — se faria pela conquista de grandes patrocinadores capazes, como bons heróis culturais “auxiliares”, de fazer volver à casa de origem os filhos que a ela lidimamente pertenciam e que por razões fortuitas e imperiosas tinham-na abandonado.

A contratação de jogadores excepcionais e o súbito afluxo de dinheiro oriundo de grandes empresas transnacionais são, assim, elementos de um grande enredo, a se desnovelar incessantemente

A contratação de jogadores excepcionais e o súbito afluxo de dinheiro oriundo de grandes empresas transnacionais são, assim, elementos de um grande enredo, a se desnovelar incessantemente, e que, por sua extensão e vigor, permite e provoca algumas observações (meramente preliminares) de crítica teórica, que passo a propor.

* * *

A primeira observação seria relativa à idéia — unanimemente aceita e diariamente repetida pelos dirigentes de grandes clubes e pelos mais importantes

jornalistas (e “comunicadores” de toda sorte) — de uma imperiosa necessidade de adoção de métodos “racional e modernos” como os únicos capazes de “salvar” o futebol carioca (ou o futebol brasileiro de modo geral). O tratamento ideológico dado faz com que a modernidade seja não menos que sinônimo de vida; sem a modernidade racional, sem os métodos agressivamente empresariais de que ela deveria se constituir, o futebol definharia e morreria. Deste modo, o futebol deveria ter um único rosto, o da empresa bem organizada e lucrativa sem o que ele não poderia ter futuro já que prisioneiro de um passado inoperante, romântico, suicida. E que os “românticos” e os amantes do “verdadeiro futebol brasileiro” não se preocupem... a modernidade empresarial é humilde: ela apenas quer dar oportunidade à romântica originalidade do nosso futebol. Ou: sem razão, não pode haver imaginação, afirma sedutoramente tal discurso. Note-se que tal discurso é um elogio da integridade não apenas porque uniria razão e imaginação mas porque recomporia a “casa originária” fraturada pelo êxodo dos (melhores) filhos, além de estabelecer “objetivos comuns” benéficos a dirigentes esportivos, meios de comunicação, jogadores, empresários de jogadores, grandes firmas e o povo brasileiro, apontado então como o supremo beneficiário, como espectador colhendo sem esforço esta formidável soma de trabalhos e esforços denodados de todos aqueles atores sociais anteriormente citados. Não há fratura, não há antagonismo de interesses — e muito menos, luta de interesses; nesse ponto do discurso o que se afirma é uma totalidade cujos benefícios serão tão maiores quanto mais competentemente forem seguidas as Regras da Razão. A salutar figura da “competição (normal entre pares)” resolverá de modo **natural** (e não histórico) quem “merecerá vencer”.

O tratamento ideológico dado faz com que a modernidade seja não menos que sinônimo de vida; sem a modernidade racional, sem os métodos agressivamente empresariais de que ela deveria se constituir, o futebol definharia e morreria.

Os acontecimentos simbólicos, políticos, jurídicos e econômicos de que esta cena do verão carioca estão hiperpovoados são o signo de uma **expansão** sócio-cultural do futebol da qual podemos considerar alguns aspectos. O primeiro aponta para uma complexificação do fenômeno do futebol (refiro-me exclusivamente, aqui, ao futebol profissional, de grandes clubes e seleções, em geral patrocinados por empresas e cuja atividade é informada significativamente pela imprensa). Este, passa a ser visto como parte de um enorme feixe de interesses sociais, culturais, econômicos, políticos, simbólicos. Ou, dito de modo teoricamente mais apropriado: o futebol não é um objeto facilmente delimitável, como esporte, jogo, ou qualquer nome "unitário" que pudesse ter. Ele é permanentemente re-lançado, re-constituído por uma interação — por uma interatuação — que faz operar múltiplos dispositivos de variadíssimo perfil.

Os acontecimentos simbólicos, políticos, jurídicos e econômicos de que esta cena do verão carioca estão hiperpovoados são o signo de uma expansão sócio-cultural do futebol

Está em nenhum território fixo ou pré-determinado com precisão e clareza; **está** em jogo, não é nenhuma imanência a-histórica, carimbada, estática e com (carteira de) identidade inamovivelmente numerada e de origem (institucional) para sempre designada.

Esta crescente (e com isto não digo "crescimento benigno, permanente ou contínuo") complexificação pode permitir a visão — e o eventual combate — mais nítida de uma poderosíssima figura do imaginário brasileiro. É aquela que faz do futebol uma fonte re-identificação de uma Identidade Nacional já-concebida. Aqui, haveria uma espécie de **substrato, fundamento** ou **imanência** que faria com que tal Identidade ficasse muito mais próxima da Natureza ou da Transcendência: Aparece quando imaginamos que o (no singular, no

fundo) brasileiro é alguma coisa de originário e fixo e que se torna visível em qualidades permanentes ("preguiçoso" ou "trabalhador", p. ex.) ou em festas ou jogos (como o carnaval ou o futebol). A idéia de um futebol sinônimo de "local" da "brasilidade" implica que o substantifiquemos e passemos a querer saber não quais são os seus efetivos jogos como o que ele é, como ele "é" em sua "essência". Na busca dessa essência originária, identitária e trans-histórica (ou a-histórica) o que se acaba por fazer é restar em um especular jogo de inter-remissões e re-conhecimentos: o brasileiro é assim porque o carnaval/futebol é assim porque o Brasil é assim e, assim, ad infinitum...

A suposição de que se constata uma simples verdade quando se descobre o "Ser da Essência" é enganosa. Em primeiro lugar porque transforma qualquer observador da sociedade em um detetive, sua tarefa sendo a de meramente descobrir "algo" que já existe **antes e fora** de sua intervenção. Em segundo lugar porque valora mais ou menos veladamente seus objetos: há o **verdadeiro** brasileiro, carnaval, futebol, etc. O que for considerado como exterior à esta Verdade é julgado perturbador de sua pureza e visto como anômalo, anacrônico, injustificado, deletério e mesmo "criminoso" quando portador de algum vírus culturalmente letal para a Essência amada.

* * *

Se nos restringirmos ao futebol, veremos que este imaginário redutor que investiga a exata localização dos objetos exatos em questão tenderá ou a negar a complexificação, acima apontada, como deturpadora do esporte ou a ele exterior ou a dizer que tal essência

A suposição de que se constata uma simples verdade quando se descobre o "Ser da Essência" é enganosa.

terá que ser restaurada por instrumentos e modos de intervenção "modernos" que, simplesmente, fariam com que tal essência mantivesse fontes de alimentação vitais para sua perpetuação. Chamo aqui a atenção para o fato de que o discurso e a prática "moderno-empresarial" não implica, necessariamente, em uma aceitação da complexificação como transformação histórica radical do peso, papel e função do fenômeno futebolístico.

O que o futebol "verdadeiramente é" parece mito perfeitamente articulado ao mito matricial que designa o momento originário, do nascimento, como aquele momento que deverá singularizar para sempre a identidade de pessoas, povos, nações, deuses e jogos e esportes. O mito da origem do futebol parece consagrar uma origem lúdica marca suposta sabida (afinal, todos saberiam o que é, sempre, o lúdico...) e que determinaria todo o caminho futuro, eterno desdobrar do Mesmo da Origem. Assim, as possibilidades de expansão, re-apropriação, redução, transformação serão medidas em suas diferentes formas de aparecimento pela Norma que fixa as regras daquilo que, sendo Verdadeiro, terá direito a Ser.

Chamo aqui a atenção para o fato de que o discurso e a prática "moderno-empresarial" não implica, necessariamente, em uma aceitação da complexificação como transformação histórica radical do peso, papel e função do fenômeno futebolístico.

A história tradicional, falada ou escrita, do futebol é alheia ou inimiga de um tratamento teórico (complexo) do esporte porque julga **simples e consensual** uma enorme gama de noções e conceitos, de versões e práticas que conhecem formas de constituição e operação variadíssimas, segundo as sociedades e épocas em que se dão. Reifica-se, deste modo, toda essa variedade e multiplicidade porque se imagina a existência de uma substância, de um Objeto Central planetário e homogêneo em sua essência última, por todos reconhecível em qualquer parte a qualquer momento: O Futebol.

A índole normativa, mais ou menos explícita, desse imaginário sobre o futebol afirma, por exemplo, que "a violência não faz parte do futebol", como afirmou no passado que "o profissionalismo fere a alma do esporte". Estas afirmações categóricas não conseguem perceber que são históricas e, portanto, transitórias; não são — como qualquer outra afirmação normativo-categórica deste tipo — guardiães de uma intoluidade transcendente. Ao se imaginarem assim, fazem-se passar por permanentes, congênicas, trans-históricas; a **normatividade** aponta para um `núcleo duro` suposto identificador de Si.

É curioso notar que este Ser do Futebol não é necessariamente "favorável" ao classificá-lo (pela ética ou moral, claro): "o futebol é alienação", "o futebol é o circo que os poderosos propiciam aos desvalidos", "o futebol é expressão da falta de cultura do nosso povo", e assim por diante. Não é difícil perceber que as posições ("contra" ou "a favor") ocupam a mesma posição-de-conhecimento.

* * *

Na análise de uma "definição" do que seja o futebol, parece útil que nos detenhamos no fenômeno das regras deste esporte. Aqueles que buscam "definições definitivas", como as que apontamos acima, supõem que o esporte é o que são suas regras, sendo inquestionável que ele pode ser reconhecido por "futebol" quando vemos um campo gramado (ou não), bola de couro (ou não), onze jogadores (nem sempre) e, enfim, uma série de elementos convincentes o suficiente para que não haja dúvidas do que se trata.

Propositadamente foram, no parágrafo anterior, colocados parênteses que chamam a atenção para o fato

Na análise de uma "definição" do que seja o futebol, parece útil que nos detenhamos no fenômeno das regras deste esporte.

de que o futebol é efetivamente reconhecido por um, digamos, código que **inclui** elementos que **escapam** ou mesmo **transgridem** o código canônico do futebol. Ou seja, para se fazer uma avaliação histórico-antropológica é preciso ter uma visão compreensiva (no sentido teórico desta palavra), inclusiva, e não uma visão redutora, de caráter legalista e normativo que procurasse expurgar tudo que não fosse canônico em nome do "verdadeiro futebol". Em uma análise inclusiva, adversária da tirania do "dever ser" e curiosa pelo que efetivamente se passa, o futebol "está", para o ponto que agora nos importa, na correlação a ser historicamente (com grande ênfase, penso, na **conjuntura** enquanto inimiga de totalizações aberrantes e de transcendências "profundas") estabelecida entre as regras canônicas e aquilo que efetivamente, na ação social, é feito delas. Deste modo, tem-se a possibilidade de ver não só o **código** — que, claro deve ser estudado — mas a **ação do código** ou o **código-em-ação**.

Deste modo, tem-se a possibilidade de ver não só o código — que, claro deve ser estudado — mas a ação do código ou o código-em-ação.

Elemento essencial para a análise desta articulação é se perceber que há **temporalidades distintas** em jogo; não se trata, aqui, de uma articulação entre fenômenos que estão em um plano temporal homogêneo. Assim, códigos canônicos são caracteristicamente pertencentes ao âmbito da reprodução sócio-cultural: tendem à duração longa, à estabilidade preservada por esquemas de consagração e por sistemas de poder bem definidos. Códigos-em-ação podem ser fugazes, são mais ou menos imprevisíveis, de vida provavelmente efêmera, incerta e pecaminosa (ao transgredir a lei).

O imaginário que se ancora nas formas de essencialismo que analisamos tem uma peculiar visão comparativa da vida social. Comparam aquilo que

observam com leis, modelos e paradigmas; comparam o que efetivamente ocorre com o que poderia estar legal/legitimamente ocorrendo; comparam o que é com o que deveria ser. Enquadram-se, assim, tais formas, em uma permanente expectativa de re-conhecimento: procuram na cena histórica reconhecer a Lei, a Origem, a Essência para poder avaliar/julgar os fatos sociais.

Esta posição prende sempre o **movimento** a um momento **progresso**-momento que, dependendo do grau de "transgressão social", deverá ser recuperado em um momento **futuro** reconciliador da história com a transcendência e que suturará a continuidade (pureza, virgindade) perdida. Apologia da continuidade que por vezes se alia a um evolucionismo estreito que sempre reduz a variedade, a descontinuidade, o conflito a um desdobramento "normal" e "natural" das "coisas". Isto pode ser visto no caso do futebol não apenas nos fenômenos de complexificação que examinamos mas nas faces (obscuras) deste "progresso" tão enfaticamente, tão redondamente aplaudido pelos arautos numerosíssimos, da modernidade como encantado sinônimo de "mercado" e "empresa". Faces que são tornadas obscuras pela imperial ação centrípeta deste discurso e de suas práticas, que preferem entronizar **produtos** e não **processos**, como os que o futebol engendra como possibilidade de convívio cotidiano e descompromissado de indivíduos e grupos; com os que podem ser vistos no futebol como fonte de prazer corporal e, por que não?, de dionisíaca extravasão na comemoração (ou choro...) subsequente; como possibilidade de dramatizar as alianças e inimizades que constituem a vida social.

No caso do futebol não apenas nos fenômenos de complexificação que examinamos mas nas faces (obscuras) deste "progresso" tão enfaticamente, tão redondamente aplaudido pelos arautos numerosíssimos, da modernidade como encantado sinônimo de "mercado" e "empresa".